

DESCONFINAMENTO



Retoma Indicadores apontam forte recuperação com o desconfinação e há boas expectativas para o verão. Mas impacto do fim

Pandemia abranda, PIB ace

SÓNIA M. LOURENÇO

Dois meses depois do início do desconfinação, a informação sobre a evolução da economia portuguesa é ainda parcelar. Mas, questionados sobre o que se pode já concluir com os indicadores disponíveis, os economistas ouvidos pelo Expresso usam expressões como “acentuada dinâmica” ou “excelentes notícias”. E a inclusão de Portugal na lista verde do Reino Unido abre a porta a um verão forte no turismo.

Com a pandemia a recuar, a vacinação a acelerar, o país a reabrir, a confiança dos consumidores “aumentou significativamente” — palavras do INE — em abril, à semelhança de março. Também em abril as compras na rede Multibanco subiram 70%, as vendas de automóveis ligeiros de passageiros aumentaram 439% e o consumo de eletricidade cresceu 6,5%. Em março, a taxa de desemprego recuou para 6,5% e os novos créditos à habitação atingiram €1382 milhões, um recorde desde 2008. “Os indicadores revelam acentuada dinâmica da atividade económica à medida que o desconfinação avança”, diz Paula Carvalho, economista-chefe do BPL. Há um efeito de base importante devido ao primeiro confinamento geral, em março e abril de 2020, quando a economia caiu a pique. Mas “mesmo retirando este efeito, há evolução positiva”, frisa.

O indicador diário de atividade económica do Banco de Portugal — que procura medir, quase em tempo real, a evolução da atividade — é outro sinal

positivo. Em abril cresceu mais de 20% (média móvel semanal) e acelerou na semana terminada a 2 de maio para 27,5%. Mais uma vez, a comparação é feita com o período do primeiro confinamento. Mas a taxa bienal está em terreno positivo desde final de abril (+3,3% na semana terminada a 2 de maio). “Significa que, na medida em que o indicador captura de facto mudanças no nível de atividade económica, estamos já acima de 2019, o que são excelentes notícias”, aponta Pedro Brinca, professor da Nova SBE. Ainda assim, a Comissão Europeia reviu esta semana em baixa a projeção de crescimento português em 2021 (ver caixa).

A evolução positiva reflete, “em parte, a procura suspensa [durante o confinamento], que impulsionará a atividade sobretudo nestes meses próximos”, considera Paula Carvalho. E antecipa que no segundo trimestre a economia pode “mais que recuperar das perdas do primeiro”. Ou seja, o crescimento poderá superar os 3,5% em cadeia e os 10% homólogos. Mas Pedro Brinca deixa um alerta: “No médio prazo, o sustentar da economia pela procura interna depende também da quebra de rendimentos pela destruição de emprego e empresas, cuja dimensão só mais para o final do ano, com o fim generalizado das moratórias, se irá perceber.”

Um país, duas realidades

Olhando para os sectores mais afetados pela crise, como o turismo, a etapa final do desconfinação, a 3 de maio, apanhou o Algarve com a maioria dos hotéis fechados. “Vieram mais os portugueses que têm segunda residência”, nota João Fernandes, presidente da Região de Turismo do Algarve, desta-

cando que a abertura da fronteira com Espanha trouxe “logo no primeiro fim de semana cinco mil carros a atravessar a fronteira do Guadiana”.

O virar de jogo começou com o anúncio da lista verde do Reino Unido, para os ingleses poderem viajar sem quarentenas a partir de 17 de maio, elegendo Portugal como o único país “seguro” na Europa do Sul e bacia do

Mediterrâneo. O efeito na procura foi imediato (ver texto ao lado) e aqueceu as perspetivas de “um bom ano turístico” na região, com a Madeira também otimista.

Na aviação, em profunda crise, a retoma é envergonhada, aos soluços, e por agora muito dependente do Reino Unido, que fez já disparar as reservas na TAP. Embora não se preveja um

verão tão negativo como o de 2020, não se antecipa grande recuperação.

Os centros comerciais reabriram com 124 lojas novas. Pelo caminho ficaram 169 lojas, mas a APCC — Associação Portuguesa de Centros Comerciais considera o número de inaugurações em pandemia “extraordinário e prova da capacidade de atração e regeneração” do sector.

ATIVIDADE ECONÓMICA EM PORTUGAL ACELERA

Variação homóloga da média móvel semanal do indicador diário de atividade económica (DEI), em %



FONTE: BANCO DE PORTUGAL

COMPRAS NA REDE MULTIBANCO DISPARAM

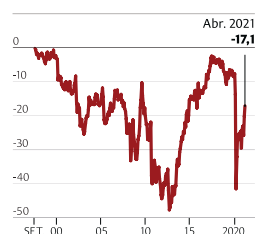
Variação homóloga do número total de compras na rede Multibanco em 2021, em percentagem



FONTE: SIBS

CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES SOBE

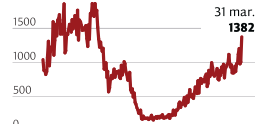
Valores efetivos mensais em pontos



FONTE: INE

NOVO CRÉDITO À HABITAÇÃO EM MÁXIMOS DE 2008

Valor mensal dos novos empréstimos, em € milhões



FONTE: BANCO DE PORTUGAL

Portugal cresce abaixo da zona euro em 2021

A Comissão Europeia (CE) está mais otimista sobre o comportamento da economia da zona euro este ano e reviu em alta de meio ponto percentual, para 4,3%, a sua projeção de crescimento. Mas, o maior otimismo sobre 2021 não se estendeu a Portugal, com Bruxelas a rever em baixa a previsão de crescimento do PIB português este ano de 4,1% para 3,9%. Um valor que fica aquém da meta de 4% fixada pelo Governo no Programa de Estabilidade e que é insuficiente para assegurar a convergência com a zona euro. Já para 2022, a CE antecipa uma expansão do PIB português de 5,1% — acima da anterior projeção de 4,3% — e que bate até os 4,9% previstos pelo ministro das Finanças, João Leão. Será “em meados do próximo ano” que o PIB nacional regressará ao nível pré-pandemia, espera a Comissão, apontando que nesse ano a economia portuguesa cresça acima da zona euro (5,1% contra 4,4%). S.M.L.

Desconfinamento do país traz mais pessoas à rua e puxa pelo comércio
FOTO RUI DUARTE SILVA



dos apoios gera receios

lera

Se a marca de moda lusa Code, com 49 lojas, acaba de entrar em Barcelona, em *franchising*, com planos de alargar a presença em Espanha, é porque “há otimismo quanto à evolução do consumo”, destaca o diretor executivo, José Álvares Ribeiro. Aliás, os primeiros números da procura mostram um crescimento de 25% face ao período pré-covid (abril de 2019), e na semana de 3 a 9 de maio a faturação proveniente de cartões nacionais esteve 17% acima de 2019, revela a Redunij.

A retoma apresenta “sinais animadores”, mas “não compensa o longo período de encerramento”, sublinha João Vieira Lopes, da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP), distinguindo entre estabelecimentos em zonas turísticas, como as Baixas de Lisboa e Porto, onde os fluxos foram afetados também pelo teletrabalho e a procura continua baixa, e os das zonas residenciais, mais ativas. O cenário é comum à restauração, onde, diz Daniel Serra, da associação Pro.Var, há novas tendências, “como a preferência por esplanadas e maior procura nas zonas de menor densidade”. “O *take-away* veio para ficar, e ir ao restaurante tornou-se mais opção de fim de semana”, comenta, preocupado com o futuro do sector nos centros comerciais. Aliás, os números da Redunij mostram aqui uma quebra de 30% face a 2019.

Agora, é preciso esperar para saber o que vai acontecer, no comércio e na restauração, a quem sobrevive apenas com “o balão de oxigénio dos apoios”, dizem os dirigentes associativos, certos de que o consumo de verão, turismo incluído, será determinante.

Com A.C., C.A. e M.C.

slourenco@expresso.imprensa.pt

Indústria

O travão está nas matérias-primas e nos componentes

Quando faltam os chips, as exportações podem tropeçar. E há porta aberta à especulação

“O segundo trimestre pode trazer desafios maiores do que o primeiro.” O alerta lançado pelo Grupo VW, pressionado pela falta de matérias-primas, *chips* (ver pág. 12) e outros componentes, indica que este pode ser o principal travão às exportações de um sector que de acordo com a consultora IHS Market já teve de cortar a produção de automóveis em 1,3 milhões de unidades entre janeiro e março. Mas começa a ser repetido de forma transversal na indústria nacional, apesar do salto homólogo de 28% nas exportações em março, para fechar o trimestre a crescer 3% face a 2019.

“Tivemos o melhor mês de sempre em março (€919 milhões), mas não podemos deitar foguetes. Temos novas ameaças pela frente”, resume Adão Ferreira, secretário-geral da AFIA — Associação de Fabricantes para a Indústria Automóvel, atento ao facto de a Autoeuropa ter parado uma semana em março devido à falta de semicondutores e de a Bosch Car Multimedia, em Braga, entrar em *lay-off* durante um mês devido “ao agravamento da escassez mundial de componentes eléctricos”. “Chegou a hora de pagar a fatura da dependência da Ásia”, comenta, consciente de que o sector automóvel responde por 10% da procura mundial de semicondutores, mas na Europa a percentagem sobe para 37%.

“Parecem tempos de guerra. Faltam contentores, navios, chips, falta tudo”, diz Mário Sousa, da Porto Cargo

Carlos Ribas, responsável da Bosch Portugal, admite ao Expresso que “não há forma de prever quando iremos conseguir ultrapassar a questão da escassez de componentes, apesar de termos encomendas que garantem a sustentabilidade do negócio”. E como se chegou aqui? “Quando a indústria automóvel esteve praticamente parada, os fornecedores de semicondutores orientaram a produção para a electrónica de consumo”, explica. A isto junta eventos como um tremor de terra no Japão que parou um fornecedor, um nevão forte no Texas que forçou a paragem de outro, a quebra nos voos comerciais onde os componentes tecnológicos eram transportados, a disrupção na cadeia logística, designadamente no transporte marítimo, agravado pelo porta-contentores que encalhou no canal do Suez. “Tudo o que podia acontecer tem vindo a acontecer”, comenta o gestor, garantindo que o seu grupo está a preparar a expansão da capacidade própria de produção de *chips*, mas isso exige

tempo, estratégias de médio e de longo prazo.

“Parecem tempos de guerra. Faltam contentores, navios, *chips*, falta tudo”, diz Mário Sousa, presidente da Porto Cargo, sublinhando que “as dúvidas sobre a forma como a China começou a fazer *stocks* para dar o nó à Europa e ao Mundo já levou os EUA a anunciarem uma investigação, mas a Europa continua passiva”. Entretanto, o trajeto de ida e volta de um navio entre o sul da China e Hamburgo, na Alemanha, passou de 80 para 100 dias e o preço de um contentor quintuplicou, até aos €10 mil. E, numa relação causa-efeito, também pode ser difícil escoar exportações. Sectores como o do papel já conhecem esse lado do problema, adianta.

Escalada de preços

Na indústria de mobiliário, falta aglomerado e aguarda-se o desconfinamento total em França, que vale um terço das exportações e ainda tem lojas fechadas. Faltam também outros componentes. “A Europa abandonou os fornecedores locais por meia dúzia de tostões e colocou-se na dependência total de terceiros”, critica Gualter Morgado, diretor executivo da associação sectorial APIMA.

Na metalúrgica, que bateu o seu recorde mensal em março, a falta de matérias-primas e a escalada dos preços “prova que é problemático a Europa depender em mais de 99,9% do exterior”, diz Rafael Campos Pereira, vice-presidente da associação sectorial AIMMAP, admitindo que “voltar a ter *stocks* começa a ser uma questão premente, apesar do peso financeiro que acarreta e de os modelos de negócio atuais, em função de encomendas sempre em rotação”. Mas na Eflatu, especializada em sistemas de bombagem, António Ricca assume optar por “jogar à defesa e fazer *stocks*, mesmo com risco nas margens”.

No mercado, o cobre disparou de 4600 dólares/tonelada (março de 2020) para um recorde de 10.700 dólares esta semana, o algodão subiu de 50 céntimos de dólar a libra (0,45359237 kg) para 94 céntimos, a onça de paládio, usado nos catalisadores automóveis, saltou dos 1500 dólares para os 2900, a madeira serrada passou dos 300 dólares para os 1600. Há especulação em Bolsa? “Temos a China a fazer *stocks* e a crescer, os EUA a registarem o maior crescimento económico desde 1980. É normal apostar na alta dos preços e especulação”, comenta Paulo Rosa, do Banco Carregosa.

No final, “o impacto do desconfinamento no consumo e na indústria pode bloquear”, admite Mário Jorge Machado, presidente da ATP — Associação Têxtil e Vestuário de Portugal, com empresas a lutar contra a falta de matérias-primas, do fio aos químicos, e um aumento de preços dos materiais até 100%.

MARGARIDA CARDOSO

mcardoso@expresso.imprensa.pt

Turismo

Uma lista verde que foi ‘dourada’ para Portugal

Reino Unido seleciona Portugal como o único país da Europa do Sul para se poder viajar sem quarentenas a 17 de maio

Foi a melhor notícia do ano para o turismo. E teve largo eco na imprensa internacional: Portugal teve primazia na lista verde do Reino Unido para o desconfinar das viagens não essenciais dos britânicos a partir de 17 de maio (desde janeiro proibidas e com infrações sujeitas a multas de mais de €5 mil). Além de Portugal, só Israel (o país do mundo mais avançado em vacinação), Islândia, Austrália, Nova Zelândia, Singapura, Brunei, Ilhas Faroer, Gibraltar e Malvinas entraram nesta cobiciada primeira lista, onde os turistas ingleses podem viajar sem fazer quarentenas no regresso. E que exclui todos os destinos concorrentes do Sul da Europa e da bacia do Mediterrâneo, como Espanha, Itália, Grécia ou Malta.

O impacto foi imediato no disparar de reservas dos ingleses em Portugal. No espaço de 24 horas, o operador turístico britânico Jet2 teve um aumento de 600% nas reservas para o Algarve e a Madeira, onde

prepara este ano uma megaoperação para nove cidades no Reino Unido. A Ryanair retomou voos com 175 mil lugares e a Easyjet com 80 mil no aeroporto de Faro, onde também a British Airways se propôs começar a fazer três novas rotas, para Manchester, Edimburgo e New Castle, além das ligações que já tinha do Algarve para Londres.

“Todos os destinos nossos concorrentes estão fora da lista verde e temos aqui uma boa janela de oportunidade para os britânicos que querem viajar olharem os destinos nacionais”, nota Nuno Vale, presidente da Associação de Promoção da Madeira, onde as reservas estão a subir “de um dia para o outro”.

A Madeira já tinha perspectivas de ter este verão resultados ainda melhores que antes da pandemia, com turistas nacionais e estrangeiros, e conta com vários trunfos: baixos números de covid, o pessoal do turismo todo vacinado até final de maio, o Aeroporto Cristiano Ronaldo equipado com um sistema de corredores verdes e azuis considerado pioneiro a nível internacional ou a oferta gratuita de testes PCR a todos os passageiros. A somar, a Madeira acabou de

ser eleita a ilha mais segura para viajar em 2021, numa lista de 12 destinos da European Best Travel, que colocou Porto Santo em segundo lugar.

No Algarve, a lista verde dos britânicos trouxe um volte-face na situação de marasmo que o turismo vivia. “Todos os dias estão a reabrir hotéis, restaurantes ou outras empresas desde o anúncio do Reino Unido — que agora nem têm condicionantes de maior em termos de estado de calamidade, à exceção de bares e discotecas”, faz notar João Fernandes, presidente da Região de Turismo do Algarve.

Para o verão, as perspetivas já eram positivas no Algarve com as reservas de portugueses e espanhóis, e a lista verde do Reino Unido veio dar gás à operação para trazer estrangeiros. O aeroporto de Faro tem planeadas rotas em julho e agosto que representam mais de 80% das que havia antes da covid-19, o que em setembro se eleva a 90%. Em 2021, o verão prevê-se bem melhor no Algarve do que foi em 2020, com os avanços e recuos nos corredores aéreos com o Reino Unido.

“Está a haver uma resposta rápida da capacidade aérea no retomar de rotas e um crescimento de reservas em hotéis e diferentes tipologias de alojamento”, adianta o responsável do turismo do Algarve. “A diferença em relação ao anterior verão é que este ano podemos começar mais cedo a operação e com melhores perspectivas de termos turistas externos.”

Essencial é manter a pandemia controlada. “Não podemos dar isto como garantido, está tudo dependente do evoluir da situação sanitária”, conclui João Fernandes.

CONCEIÇÃO ANTUNES

cantunes@expresso.imprensa.pt



No aeroporto de Faro, a Ryanair retomou voos com 175 mil lugares e a Easyjet com 80 mil FOTO LUÍS FORRA

Aviação

Retoma lenta, com TAP à espera dos EUA e Brasil

Britânicos ajudam, mas o verão fica comprometido sem o mercado transatlântico

Se a tendência da retoma se pudesse medir pelo disparar imediato das reservas dos britânicos na TAP assim que Portugal foi colocado na restrita lista verde do Reino Unido — 119% em apenas três dias após o anúncio de Boris Johnson —, poder-se-ia dizer que o verão estava salvo. Mas a realidade não é essa, nem para a TAP, nem para o sector, onde o sentimento é o de que o verão de 2021 está, de certa forma, comprometido — a incerteza sobre o fecho de fronteiras e quarentenas obrigatórias não permite ser otimista. Estamos na fase de marcação de férias de verão, mas poucos arriscam planejar fazê-lo para um destino que, a qualquer momento, pode ficar de acesso restrito. Vive-se ainda uma fase muito dependente do chamado *last minute*.

Apesar da incerteza, há algum respirar de alívio com a abertura de portas do Reino

Unido. A TAP, aliás, reconhece que a inclusão de Portugal na lista verde tem, “obviamente, um impacto positivo na procura de voos entre o Reino Unido e Portugal”, o que a levará a aumentar consideravelmente os voos entre os dois países em junho. Os números estão aí para o mostrar: houve uma duplicação das reservas entre 7 e 9 de maio face ao conjunto dos

Em três dias, a procura dos britânicos duplicou, mas a desejável ‘invasão’ inglesa não chega para salvar o verão

três dias (4, 5 e 6 de maio), imediatamente anteriores ao anúncio. Os grandes beneficiados desta desejada “invasão” inglesa são, sobretudo, o Algarve (Faro) e a Madeira, Lisboa e Porto não terão um impacto tão grande.

Na realidade, a retoma só chegará em força à TAP com a abertura total dos EUA e

do Brasil. A companhia é muito dependente do tráfego intercontinental, ou seja, das ligações entre Lisboa e os mercados americano e brasileiro, para os quais a TAP tem ofertas competitivas face à concorrência. Estes dois países continuam com limitações — e é aqui que a transportadora portuguesa ganha dinheiro. Note-se que cerca de 70% dos passageiros transportados são estrangeiros e, destes, metade não tem como origem nem destino Portugal. Não obstante, há desde abril uma melhoria face aos primeiros três meses de 2021, que foram desastrosos para a TAP, com a operação a ficar-se em alguns períodos abaixo dos 10% face a 2019 — no primeiro trimestre de 2021 foram feitos 50.728 voos, menos 68% do que no anterior. 2020 foi o pior ano de tráfego desde 1998, altura em que voar ainda era um luxo. Porém, o facto de haver mais aviões a cruzar os céus não quer dizer que a retoma tenha vindo para ficar.

ANABELA CAMPOS

acampos@expresso.imprensa.pt